

BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1908

N.º 229

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

Um brinde de Portugal ao Brasil



A taça que El-Rei D. Carlos, na sua projectada visita ao Brasil, tencionava oferecer ao dr. Affonso Pena, Presidente d'aquella Republica, e que El-Rei D. Manuel fez seguir, com o mesmo destino, a bordo do cruzador "D. Amelia"

(Trabalho da casa Leitão).

O almirante Barroso e o dia 11 de junho

Commemoração da batalha de Riachuelo



elegantes pavilhões que hoje reproduzimos.

Esta cerimonia foi como que o complemento de trasladação dos restos mortaes do grande almirante a que nos referimos n'um dos numeros anteriores d'esta Revista. Foi o complemento da glorificação feita ao valente marinheiro cujo nome brilhante tem um lugar bem em evidencia nas paginas da historia do Brasil.

A acta, assignada logo em seguida ao lançamento da primeira pedra do monumento, é do teor seguinte:

«Aos onze dias do mez de junho de 1908, na presença do Ex.^{ma} Sr. Presidente da Republica, ministros de Estado, auctoridades civis e militares, representantes da imprensa e mais convidados, procedeu-se ao lançamento da pedra fundamental do monumento que será erigido na Avenida Beira Mar (praia do Russel) ao almirante Barroso e aos heroes da batalha naval do Riachuelo, de accordo com a lei n.º 1.651, de 10 de junho de 1907, sendo por essa occasião lavrada esta acta, que vae assignada por aquella auctoridade e convidados presentes e que será guardada no Archivo Publico Nacional.»

Finda a cerimonia, o presidente da Republica passou revista ás forças de marinha cujo accio e boa ordem se tornam dignos de nota, retirando em seguida para o palacio de Monroe onde assistiu ao desfile feito por entre applausos da multidão.

Vem a proposito dizer algumas palavras sobre a batalha naval de Riachuelo, um dos maiores feitos da marinha de guerra do Brasil, com o qual se immortalizou o almirante Barroso, não obstante o inglez Thompson affirmar que elle se conservava escondido na sua camara durante toda a acção, facto este que é desmentido pelos quatro a cinco mil sobreviventes brasileiros e paraguayos que muito ao contrario affirmam que o valente marinheiro foi sempre visto sobre o passadiço do *Amazonas*.

O que dá á batalha do Riachuelo um caracter typico tornando-a um feito digno de figurar entre os mais notaveis da historia, é o ter sido a unica batalha naval, propriamente dita, ferida entre as esquadras representando ambas o primeiro periodo do emprego do vapor como principal motor dos navios de guerra — isto é — entre os navios de madeira, a vapor, mas sem blindagem nem couraça.

Na manhã do dia 11 de junho avistou o almirante Barroso a esquadra paraguaya a qual, favorecida pela corrente e parecendo evi-

tar o combate, descia o Paraná. Immediatamente a esquadra brasileira se poz em movimento em cerrada linha de fila.

Entretanto a esquadra inimiga, por uma simples inversão da ordem de marcha em que descera, tinha formado em linha de combate no concavo do canal do Riachuelo protegida por um barranco fortificado.

Barroso não acreditando ainda que os paraguayos affrontassem o choque de navios brasileiros manobrou com o *Amazonas* de forma a cortar-lhes a retirada. A *Belmonte*, testa de linha da esquadra brasileira, desafiava já a esse tempo todo o fogo da esquadra inimiga e do barranco.

O segundo chefe da esquadra que tinha a sua insignia arvorada no *Jequitinhonha* ao chegar em frente da bateria do barranco, até então mascarada, hesita, vira aguas acima e, quando de novo aproa aguas abaixo, encalha. Os navios que seguiam nas aguas do *Jequitinhonha*, não sciencificados, por um novo signal do almirante, de sua intenção, de deter-se em reserva com a capitanea para interceptar a retirada do inimigo rio acima, imitam a manobra do *Amazonas*, isto é, param tambem, enquanto a *Belmonte*, já distanciada na frente, recebe só os fogos convergentes de toda a linha inimiga. A es-

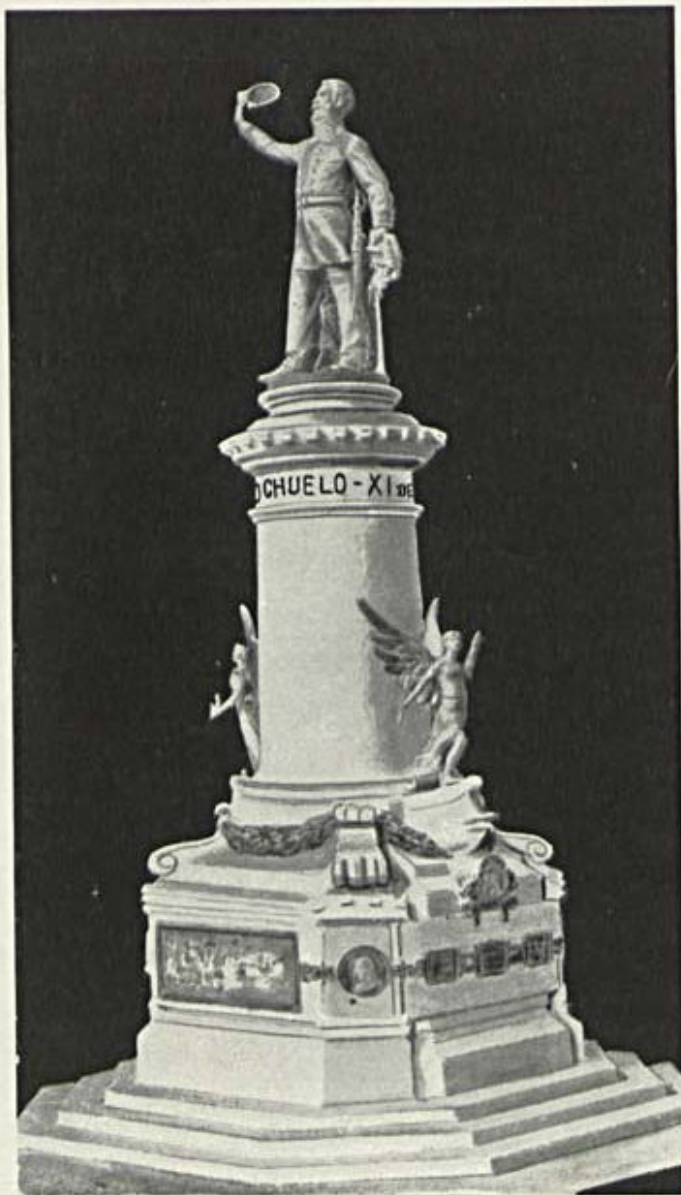
quadra brasileira perde a formatura de combate. A deficiencia do regimento de signaes, então em uso, não permite ao almirante transmitir as ordens necessarias para evitar a confusão que se seguiu. Elle passa á fala dos navios que lhe estão mais proximos e de viva voz reitera-lhes a ordem de seguirem nas aguas do *Belmonte*; mas, para que toda a massa perplexa se encaminhe na direcção que urge tomar, elle emprega o meio symbolico mais prompto e mais certo para guia-la: abandona a sua idéa de reservar o *Amazonas* para cortar a fuga aos paraguayos e investe elle mesmo o canal mortifero.

Uma vez envolvido na peleja, elle renuncia ao mando a distancia, além das bordas do *Amazonas*; nem um novo signal do capitanea; que cada um cumpra o seu dever; elle comanda por exemplo, pela presença de seu vulto venerando no passadiço do navio; elle sente que a massa da unidade tactica, que obedece á sua voz immediata, basta para exterminar toda a esquadra inimiga. *Minha resolução*, disse elle em sua participação official, *foi de acabar de uma vez com toda a esquadra paraguaya*. Para dar idéa do effeito de cada um de seus golpes sobre os navios inimigos, elle usa da expressão depreciativa: *escangalhei-o*.

Assim immortalizou o almirante Barroso o seu nome, não diminuindo de forma alguma a sua gloria as considerações depreciativas que se teem feito acerca do valor militar da esquadra paraguaya.

De resto, se é certo que os paraguayos tiveram contra si varios elementos desfavoraveis, verdade é tambem que muitos tiveram a seu favor, taes como a bateria e a fusilaria sobre os barrancos que dominavam o canal do Riachuelo, o menor calado de agua dos seus vapores e a sua superioridade de marcha, etc.

Commemoração da batalha de Riachuelo



Projecto do monumento que vae ser erigido ao almirante Barroso no Rio de Janeiro

Aos jornaes que se manifestaram contra a ideia lançada pelo *Diario de Noticias* de, no interregno parlamentar, ser

nomeado nosso representante no Brasil, o sr. conselheiro Augusto de Castilho, ministro da marinha, respondeu o *Dia* em termos que lhe pedimos venia para reproduzir.

Impede-nos, é claro, de desenvolvermos aqui, como desejavamos, a nossa opinião sobre tal assumpto, a circumstancia de ser director do *Brasil-Portugal* a pessoa de quem faz tão levantados elogios o nosso brilhante collega, cujo artigo a seguir transcrevemos:



Commemoração da batalha de Riachuelo. — Pavilhão destinado ao presidente da Republica para assistir à cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento ao almirante Barroso

“O sr. Castilho e o Brasil

Com este titulo publicou hontem o *Novidades* um artigo editorial — decerto muito brilhante, mas do qual pedimos vénia para divergir, — em que, referindo o boato do sr. conselheiro Augusto de Castilho ser nomeado ministro plenipotenciario de Portugal junto da Republica Brasileira, mostra serias apprehensões ácerca do acolhimento que aquelle illustre official da armada teria no Rio de Janeiro,

apprehensões fundadas no heroico acto humanitario praticado por elle, por occasião da revolta de Custodio José de Mello contra o governo do então presidente da Republica, marechal Floriano Peixoto.

Nós não as temos; pelo contrario, estamos convencidos de que o sr. Augusto de Castilho, cujo prestigio é enorme no Brasil é, por isso mesmo, um dos portuguezes que a nação brasileira veria com mais alvoroço, com mais entusiasmo, com a maior estima, no seu seio, representando o nosso paiz, e essa nova convicção funda-se exactamente no mesmo feito por elle praticado no Rio de Janeiro e que suscita as apprehensões do *Novidades*.

E' preciso conhecer o animo generoso do povo brasileiro, e para isso é preciso tambem fazer-lhe justiça. A um alto patriotismo, a



Commemoração da batalha de Riachuelo. — Aspecto geral dos pavilhões

uma firme compreensão dos seus direitos civicos, a nação brasileira allia em subido grau um humanitario sentimento que a engrandece, que a nobilita no justo reconhecimento de tudo quanto é justo, tudo quanto é bom e que exalta uma nacionalidade.

No meio das luctas civis que ensanguentaram o Brasil, provocadas por Custodio José de Mello, nos primeiros momentos em que os seus partidarios procuravam affirmar a sua força, o acto heroico do sr. Augusto de Castilho, acolhendo a bordo da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque* alguns centos de officiaes e marinheiros revoltados, salvando-lhes as vidas, arrancando-os á ignominia e a uma morte certa, restituindo mais tarde a tantas mães, a tantas esposas, a tantos filhos, os entes queridos que um momento de desvario arrastara n'uma louca e temerosa aventura — nos primeiros momentos, os partidarios exaltados podiam ter visto no feito do sr. Augusto de Castilho, como succedeu, um rompimento de neutralidade que devia ser guardada. Mas o que é certo é que não se tratando de uma lucta em que estivesse empenhada a honra da patria, a nação brasileira acolheu com enthusiasmo o acto do sr. Augusto de Castilho, o coração do povo applaudiu-o.

Bem depressa, passada a impressão de momento, os florianistas comprehenderam quanto n'esse feito havia de grande, de generoso,

de humanitario, e foram elles, como o proprio marechal Floriano Peixoto declarou mais tarde, os que mais entusiasticamente faziam justiça ao illustre official da armada portugueza, que evitou assim de, no furor de victoria, na anciedade de represalias, se exercesse qualquer acto que, mais tarde, pudesse macular os vencedores, trucidando ingloriamente os vencidos, num desespero fratricida.

A nação brasileira, o povo inteiro, se hoje recordam o acto praticado pelo sr. Augusto de Castilho, é unicamente para o abençoar, para o glorificar. Não ha discrepancia, não ha dissentimento, não ha divergencia entre monarchicos e republicanos, entre conservadores e radicaes, entre as classes dirigentes e preponderantes, e as camadas populares. Em todo o Brasil, hoje, o brado é só um, unanime, que parte do coração de todo o povo, brado em que a alma nacional estremece de reconhecimento e de gratidão.

E' possivel que os auctores da famosa mensagem, que infelizmente abriu funda divergencia na colonia portugueza d'aquella republica, não acolham com o mesmo enthusiasmo o sr. Augusto de Castilho como representante de Portugal; o que é certo é que o Brasil o receberá com jubilo.

Não sabemos o que ha de verdade no boato, mas dada a interinidade do sr. conde de Selir n'aquelle posto diplomatico e a manifesta impossibilidade de elle ser novamente occupado pelo sr. Camello Lampreia, a escolha do sr. Augusto de Castilho, ao deixar a pasta da marinha para representar o nosso paiz no Brasil, não pode senão merecer o applauso de todos, e pelo assignalado prestigio que alli tem, raros poderão com tanta felicidade estreitar as relações entre Portugal e aquella Republica como elle.

Não queremos estabelecer controversia com o nosso collega *Novidades*, que muito presamos. Expomos apenas a nossa opinião sobre o assumpto.

Notas de "sport", AINDA A SEMANA D'ARMAS



A "equipe" do Centro Nacional de Esgrima
Vencedora da taça «Antonio Martins»

e composta dos srs. dr. Antonio Osorio, Camillo Castello Branco,
Fernando Correia (em pé)
Dr. Alberto Machado, Sebastião Heredia e dr. Ruy Villas Boas (sentados)



Jaime Paredes

Vencedor da taça «Penha Longa» no campeonato nacional
de sabre

(Clickés da Phot. Allemã — Lisboa).

A primeira perna de pau

Heródoto (481-408 A. C.) menciona o caso de um prisioneiro a quem haviam amputado uma perna e que a substituiu por uma de pau, fugindo, em seguida, da prisão.

Em 1885, n'um tumulto de Capua, encontrou-se outra perna de pau, acompanhada de varias reliquias, que se suppõe serem do anno 300 A. C. Esta perna artificial conserva-se no Museu do Real Collegio de Medicos de Londres, citando-a o catálogo como «perna artificial romana». O aparelho tem a forma de um pé, e é formado por pedaços delgados, de bronze, presos a uma haste de madeira.

Os descobridores da America

Estudos recentes demonstram que os descobridores da America foram chinezes.

Uma antiga chronica chinesa fala de um paiz chamado Fu-san ou Fu-su, situado a umas 6:500 milhas a leste da Asia.

Uma relação de viagem escripta no anno 502 por um burgo chamado Hui-Xen e conservada nos archivos da dynastia Lyang, conta que, no anno 458, cinco sacerdotes budistas foram prégar as suas doutrinas a Fu-san, narrando detalhes de um paiz que parece ser o Mexico.

E' provavel que assim seja porque alguns antigos monumentos mexicanos apresentam umas certas reminiscencias asiaticas.



Frederico Paredes

Vencedor da taça do sr. visconde de Reguengos (Jorge)
no campeonato de espada para amadores

Festas de verão na cidade do Porto

O Porto, a segunda cidade do reino, a cidade invicta, a cidade de tão altivo heroísmo e de tão fidalgas tradições de hospitalidade e de trabalho, acaba mais uma vez de afirmar o seu valor com as magnificas festas de verão promovidas pelo Club dos Girondinos ás quaes assistiram milhares de forasteiros de varios pontos do paiz. Cabe aos patrióticos esforços dos Clubs dos Fenianos e dos Girondinos a honra de haverem iniciado o movimento que no Porto se

Festas de verão na cidade do Porto



Arco triumphal na rua de Santo Antonio, proximo á Batalha

está operando desde ha tempo em favor do desenvolvimento da bella cidade do norte, movimento do qual muito ha a esperar, já porque a natureza dotou o Porto com valiosos elementos para chamarem sobre si a attenção, já porque o trabalho e o patriotismo dos seus filhos são de molde pela sua tenacidade a conseguir a desejada victoria.

As photographias que hoje publicamos dão uma pequena idéa da variedade e do brilhantismo que revestiram as festas de verão cujos pormenores são já sobejamente conhecidos pela leitura dos jornaes diários.



Festas de verão no Porto. — Arco triumphal á entrada da rua do Almada (lado sul)

(Clichés de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

Economia social

GRANDES ENERGIAS ECONOMICAS

A ALLEMANHA

(Continuado do n.º 225)



ão foram, entretanto, sem lucta os principios dessas instituições scientificas para resolver n'esses mesmos paizes septentrionaes o grande problema do commercio moderno e internacional, banindo d'elle as arraigadas rotinas e os injustos preconceitos.

Falando ainda ultimamente d'esta circumstancia, dizia uma excellente correspondencia de Berlim para o *Jornal do Commercio*.

«Rotina e progresso, pratica e theoria, hão de em todos os tempos constituir terrenos em que se pelem apaixonadas contendas. E onde terá a rotina erguido mais irreductiveis baluartes de que



Festas de verão no Porto. — Arco triumphal proximo do Club dos Girondinos

no campo commercial? onde, por outro lado, tambem não terá o progresso realizado mais ousadas maravilhas?

E no destroço ininterrupto e fatigante de velhos costumes e antiquadas idéas, ocioso é dizer que o progresso, ou outro não fosse o seu nome, é sempre aureolado vencedor. Quando, vai para dez annos, se creou em Leipzig a primeira aula de commercio da Allemanha, logo dos espiritos mais conservadores da classe commercial sahiu a opinião de que tal ramo de ensino de fórmula alguma se tornava necessario. Habilidade mercantil, golpe de vista de bom negociante, não os davam theorias e institutos de ensino: verdadeira escola a da vida pratica, sobretudo nos escriptorios e balcões, quando a instrucção geral necessaria assentava em caracter formado para a firmeza e para a honestidade. De certo, não contava o commercio allemão gloriosa lista de victorias em todos os mercados do mundo, bem que, até agora, desajudado de academias especiaes?

A mais, ainda avultava o facto de que a tentativa não era a primeira, e as anteriores haviam falhado todas, após ephemera duração. Um, para nós agora quasi vidente, professor do Gymnasio de Hamburgo, João Jorge Buesch, creava em 1768 naquella cidade uma academia de commercio que, a breve trecho, cahia victima da despietada guerra dos negociantes locais. E queixava-se o Buesch: «Tudo para os negociantes d'aqui é theoria frivola, e attribuem ao instituto a pretensão de querer, sem outra pratica ou direcção, tornar aptos os que delle sahem para todos os ramos de negocio.»

Em Leipzig não foram tambem facéis os principios de instituto que visava ao estudo verdadeiramente scientifico dos multiformes e complicados problemas do commercio moderno, sem por outro lado perder de vista os ensinamentos da pratica. De que o novo estabelecimento o conseguiu dão testemunho o seu rapido desenvolvimento, o crescente interesse que as classes mercantis vão mostrando pelo ensino commercial, e, sobretudo, a criação de analogos institutos

em Colonia, Francfort, Aix-la-Chapelle e outras cidades importantes da Alemanha.

A característica fundamental do estabelecimento de Leipzig é a sua apropriada organização para o duplo fim da theoria e da pratica. Compreheende a primeira o ensinamento de todos os conhecimentos theoricos da technica commercial; a segunda encontra sabia realisação n'um escriptorio modelo, *muster-kontor*, onde differentes ramos de negocio são praticamente exemplificados, sob o ponto de vista da organização e da contabilidade, e explicados por prolecto-



Festas de verão no Porto. — Fachada do Club dos Girondinos

res especiaes. Repetidas viagens de estudo ás cidades e portos de primeira importancia constituem um dos mais aproveitaveis elementos de ensino.

Este lado pratico do curso desperta nos alumnos o maximo interesse, e não é raro ver o proprio tempo das férias utilizado em viagens e excursões relativas a trabalhos escolares. Merece assignar-se a circumstancia de que juntamente as cidades hanseaticas, de principio tão avessas a tal genero de instituições, se distinguem agora no hospitaleiro zelo com que favorecem o lado pratico do ensino commercial.

Os Allemaes, depois do grande desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas industrias fabris e agricolas, encontraram-se na absoluta necessidade de expandir-se, pois esse mesmo incremento exigia ainda maiores requisitos e appparelhos de expansão para a sua actividade e sua superprodução.

Foi então que não hesitaram ante nenhum sacrificio para augmentar a sua marinha mercante, creando essa admiravel frota commercial, amparada hoje por uma esquadra poderosa.

Ainda ultimamente o *Standard*, de Londres, dizia, em um editorial, que a unica influencia que os pessimistas consideram como ameaçadora para a segurança da Europa consiste na rivalidade aberta e crescente entre a Alemanha e a Grã-Bretanha relativamente ao commercio maritimo e à supremacia naval, porém o importante órgão inglez logo accrescenta com muito acerto: que uma rivalidade generosa não acarreta ou, antes, não deve acarretar nenhum perigo. Este reside sobretudo nos sentimentos de malevolencia entre os povos.

Entretanto, é de esperar que sentimentos mais francos e mais razoaveis venham afinal substituir pouco e pouco as animosidades que incontestavelmente existiam ha algum tempo entre as duas poderosas nações, cujos esforços continuam, em vista de estabelecer entre ellas relações mais cordiaes, sem que isso venha a prejudicar a *entente cordiale* anglo-franceza.

E' evidente que os interesses dos povos, quando elles são antagonicos, é porque não souberam comprehendê-los. Quasi sempre nos queixamos dos outros porque pretendemos exigir delles mais do que elles nos devem. E' o caso dos proteccionistas ferrenhos, cuja maxima parece ser a seguinte — proteccionista para si, livre-cambista na casa dos outros.

Foi igualmente durante o meu tirocinio na Alemanha que assisti no Reichstag ás escaramuças do Principe de Bismark contra a politica fiscal dos Estados Unidos, cuja importancia industrial e commercial começava a accentuar-se de um modo extraordinario.

Por certo, tamanho desenvolvimento da nova potencia americana não podia deixar de suscitar alguma sombra ao nascente imperio allemão, mas, afinal, o grande Chancellor de ferro, que sabia ir a Canossa, quando isso lhe convinha, teve de ceder na pretensão das regalias da nação mais favorecida, contentando-se mais tarde com o regimen da reciprocidade, tambem adoptado depois pela Alemanha.

Na sua lucta incessante pela conquista dos mercados internacionais, os Allemaes comprehenderam perfectamente que o mar, como dizia Roland de Marés, representa um papel capital na acção mundial e quem não sabe utilizar o mar nada pode hoje esperar de grande nesta ordem de idéas. A marinha é considerada actualmente, e com razão, não só o meio mais efficaz como absolutamente necessario á expansão dos homens e das cousas nos paizes longinquos.

A Alemanha comprehendeu tão bem onde residia a sua futura grandeza que o Imperador Guilherme mandou inscrever sobre o frontespicio do pavilhão germanico, na secção da marinha da Exposição Universal de Paris em 1900 a famosa divisa: *Não te esqueças, Alemanha, que o teu imperio é sobre o mar.*

A carreira maritima é ao mesmo tempo o intermediario obrigado do commercio e uma escola excellente de iniciativa e de energia para os individuos, «Viveiros de individualidades energicas, na phrase do mesmo publicista citado, ellas repartem pelo Universo inteiro o esforço dos povos, ellas mantem em um contacto permanente as relações as mais variadas de que as partes do mundo são susceptiveis, ellas arejam as intelligencias e afastam-n'as de um localismo exagerado, mantendo as relações internacionais em um estado de competição pacifica e de intelligencia, que é a condição de todo progresso.»

E foi compenetrada destas verdades que a Alemanha tratou logo de crear mais esse importante instrumento de sua riqueza, augmentando e melhorando os seus meios de transporte por agua, e apresenta hoje o imponente espectaculo de sua numerosa marinha mercante sulcando os mares em todas as direcções com as preciosas cargas de sua produção, intelligentemente distribuidas e collocadas por agentes perfectamente preparados, theorica e praticamente nas multipas instituições de ensino, desde a escola primaria, de onde sahem os verdadeiros arautos da grandeza da patria allemã, d'esse *Vaterland*, que alli se pretende poeticamente prolongar até onde soe a lingua allemã, *so weit die deutsche Zung Klinget und Gott im Himmel Lieder singt.*

Henrique Heine, espirito mais gaulez que tudesco, dizia que o allemão era como a sua cerveja, que não melhorava com a exportação.

O tempo e os factos teem-lhe dado o mais solemne desmentido; e nós Brasileiros, como outros povos, podemos dar arrbas pelas solidas qualidades d'essa raça viril e industriosa, que tanto tem contribuido para o progresso e aperfeiçoamento da nossa jovem nacionalidade, á qual já se teem dedicado alevantados talentos, energias fecundas e denodados patriotas, havendo muitos de seus filhos derramado o seu sangue precioso para vingar a patria offendida.

Estudemos, pois, essa grande nação que tão uteis ensinamentos offerece ao mundo da intelligencia e do trabalho.

B. Hiberê da Cunha,

No Egypto usavam-se pernas de pau e pés artificiaes setecentos annos antes de Jesus Christo. Construiam-os os sacerdotes, que naquelle tempo desempenhavam as funcções de medicos.



Festas de verão no Porto. — Decoração da rua de D. Pedro (Clichê de Carlos Pereira Cardoso — Fox do Douro).



Festas de verão no Porto

Tourada na praça da Alegria — As cortezas — Os cavalleiros João Marcellino de Azevedo e Joaquim Alves

A linguagem dos passaros



Nos fins do seculo passado, um academico francez e economista distincto, Dupont de Nemours, teve a lembrança de se pôr a aprender a linguagem dos corvos e rouxinões. Chegou a decifrar até vinte e cinco palavras das usadas pelos corvos. Este trabalho custou-lhe dois invernos e não poucos arranhões nas mãos e nos pés.

Para isso viveu materialmente entre aquellas aves, escutando-lhes os grasnidos, gravando-os na memoria, aprendendo a distinguil-os e a reconhecêl-os quando os repetiam e discernindo os que lançavam em cada occasião.

D'esta maneira, não só aprendeu muitas palavras da lingua de varios animaes, como tambem reconheceu que estes tinham idéas pouco numerosas, um dictionario curto, uma grammatica muito sim-

ples, poucos nomes, o numero duplo de adjectivos, quasi nenhum verbo (porque os sub-entendem), interjeições e nada mais.

Eis aqui as vinte e cinco palavras ou grasnidos de corvos que pôde aprender:

Cra	Cré	Cró	Crú	Cruú
Grass	Gress	Gress	Gruss	Cruuss
Crae	Crea	Croa	Crua	Cruass
Crao	Croé	Crué	Crué	Cruess
Craou	Créo	Croo	Cruo	Cruoss

Faz notar o academico francez que a lingua dos corvos não é pobre pelo facto de encerrar só vinte e cinco palavras, pois basta combinar de duas em duas, de tres em tres, de quatro em quatro, de cinco em cinco estas palavras para se obter um numero de combinações que excede em riqueza a lingua mais abundante do universo. Não julgava, todavia, que os corvos fizessem muitas combinações. Bastavam-lhes os vinte e cinco sons para expressar as palavras aqui, ali, direita, esquerda, adiante, alto, comida, cuidado, homem, armado, frio, calor, partir, amo-te, eu tambem, um



Festas de verão no Porto. — Torneio de tiro no «stand» do «Elite Sport Club» — A tribuna das senhoras

(Cliches de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

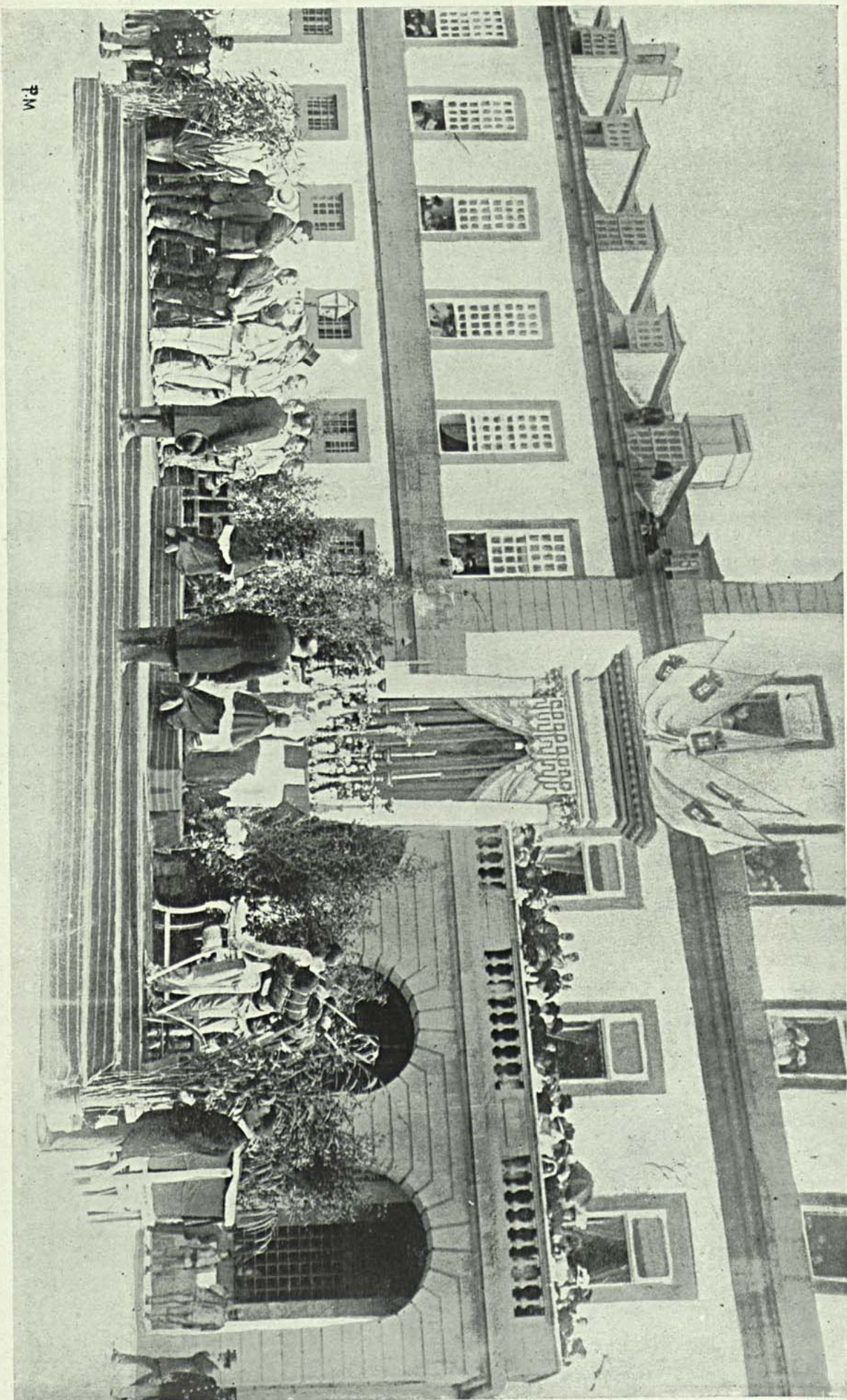
Festas de verão no Porto



(Fotografia de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro). — (Ampliação de A. C. Lima).

Festival nocturno no rio Douro

Festas de verão no Porto



Missa campal no Campo de Santo Ovídio — O altar e a guarda de honra

(Cliché de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro). — (Ampliação de A. C. Lima).



Festas de verão no Porto. — Parada agrícola-pecuária — 1.º premio de touros de cobrição



Festas de verão no Porto. — Parada agrícola-pecuária
Carro puxado a carneiros

ninho, e outros dez avisos para darem uns aos outros conforme as suas necessidades.

E afinal os corvos não devem ter muito mais cousas que dizer.

Os naturalistas distinguiram perfeitamente nas aves e em outros animais os gritos que inspira a paixão instintiva, os monosyllabos que expressam a dor, a colera, a angustia, o prazer, a alegria e a ternura.

Repararam no grito de aviso e no chamar a reunir de muitas espécies. Imitando este ultimo, os caçadores atraem muitas aves aos seus laços ou ás suas emboscadas. Muitas espécies de caça teem por base o reclamo, quer dizer, a imitação de gritos de animais.

Ha gritos d'uma especie que são comprehendidos pelos individuos de todas as mais especies. Muitas aves de ribeira servem de guardas a todos os mais passaros que fazem a mesma vida que ellas e estes distinguem perfeitamente a differença que existe entre o grito de chamada e o de aviso de perigo.

Varios naturalistas allemães emprehenderam a continuação de Dupont de Nemours, e entre elles o mais eminente é Naumaun, com cujas investigações minuciosas e pacientes progrediu muito o conhecimento da linguistica das aves.

Naumaun, Brehm e outros publicaram nas suas obras pequenos vocabularios que podem servir de guia e de modelo. Dos pardaes, dizem, por exemplo:

Dieb é o grito que lançam quando vôm; *schilp*, quando estão parados n'algun sitio alto. Estes são os seus dois gritos para se chamarem uns aos outros. Quando comem e quando descansam, ouvem-se, continuamente repetir *dieb*, *bilp*, ou *bium*. Os seus gritos de ternura são *durr* e *diedie*; *terr*, pronunciando com força e prolongando os *rr* indica a approximação de um perigo, é o signal de aviso. Se o perigo augmenta ou se apparece repentinamente um ini-



Festas de verão no Porto. — Parada agrícola-pecuária — 1.º premio de bois de trabalho em carros enfeitados
(Click's de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

migo, lançam outro grito, que se pode traduzir por *tellertell-tellertell-tell*. Se o pardal está em sitio seguro ou se a ave de rapina ou o gato desaparecem, repete muito suavemente e muitas vezes *durr*.

Quando dois machos disputam entre si a posse d'uma fêmea, dizem *tell, tell silp, den, dell, dieb, schlilt, etc.*, produzindo um ruído ensurdecedor, que se ouve principalmente na primavera. Diferem dos sons mais doces *ruor e durr*, que repetem os machos nos primeiros dias bons da primavera.

O canto de chamada do rouxinol é muito duro; *gloek arr*. Quem o julgaria?

A veloz andorinha, que nos encanta pela rapidez do seu voo e a frescura da sua voz, possui também a sua linguagem. As syllabas *uitt ou uide uitt* servem-lhe para chamar as companheiras; *biusti*, lançado com força, é o seu grito de aviso; *deuihlch*, dito com angustia, annuncia um perigo imminente; e quando a morte a ameaça, a infeliz lança um grito tremendo e quasi sibilante, que se pode traduzir com estas letras: *tzetsh*.

Ao romper o dia, lança os seus alegres *uurb, uerb*. M. d'Aubusson, o celebre ornithólogo francez diz n'um artigo recente que o passaro foi o mestre do homem na questão da linguagem. Pictet observa que no principio a palavra e o canto eram inseparáveis e que as linguas da maioria dos povos selvagens não são mais do que uma série de onomatopéias cantantes.

Max Muller affirma que ao escutar as linguas monosyllabicas da Cochinchina os viajantes julgam ouvir cantos de aves.

Já disse Lucrecio que antes de falar em verso o homem principiou por imitar a voz melodiosa das aves.



Festas de verão no Porto. — O commandante da 3.ª divisão militar, general Silveira Ramos, assistindo à missa campal

como um que se attribue, terrível, a Rabelais. Nem ao meu maior inimigo desejo tal sorte. Mas se tudo tenho supportado com uma resignação evangelica, — entre outras razões, por esta, especiosissima, de ter a gente de se resignar forçosamente sempre que não pode remediar os seus males ou mésinhar com proveito os seus achaques — no momento de começar este artigo, declaro sentir pruridos de ir alli à janella e invectivar duramente o meu visinho que se lembrou — o desalmado! — de pôr a funcionar um gramophone que entre outros discos, que só lembrariam ao Diabo, tem um, que n'este momento faz as delicias do mariola e o meu desespero, o qual, pela certa, não lembraria ao proprio Diabo — o *Noivado do Sepulchro*.

Não se imagina o que é o *Noivado do Sepulchro* em gramophone. E' preciso ouvir, e ouvir no momento em que se tenha de con-

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLIX

Uma praga. Influencia do gramophone no espirito de quem tenha de fazer alguma coisa, mesmo uma asneira. Considerações varias de uma victima do monstro. — Os theatros do estado: S. Carlos tem uma nova empresa; D. Maria espera de Deus o que já não pôde esperar dos homens. Variações sobre os ultimos acontecimentos. — O terrível calor e os paes da patria. Applicação da fabula da cigarra e da formiga. — A peste bubonica na Ilha Terceira.

Eu tenho aturado um pouco de tudo n'este valle de lagrimas, desde o rheumatismo articu ar até aos criticos theatraes. Já vêem que tenho passado bocadinhos pouco de appetecer a quartos de hora

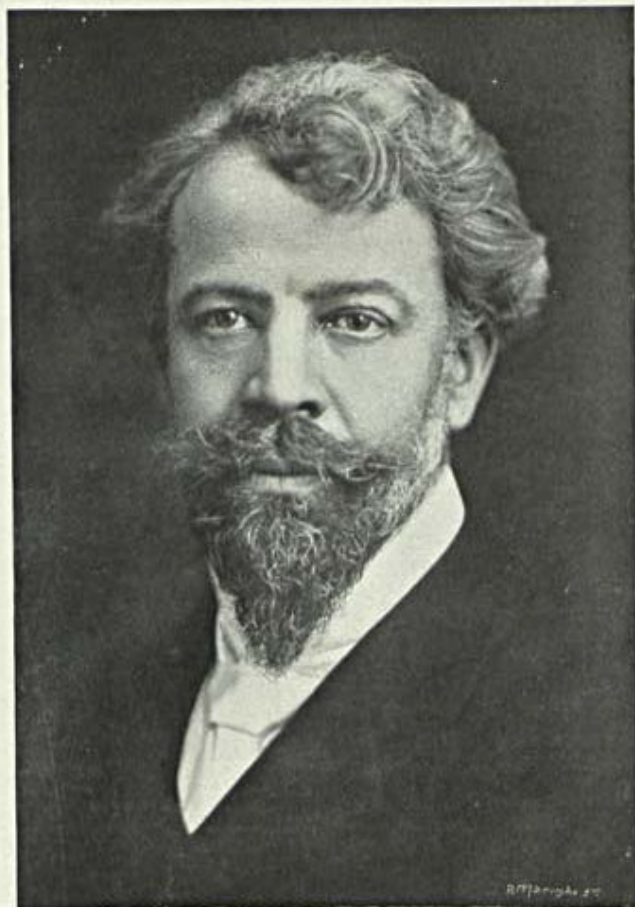


Francisco Margioli

Um dos novos pares do reino

(Cliché da Photographia Fernandes).

Exposição de pintura Carlos Reis



O pintor Carlos Reis

E' sempre um acontecimento artistico em Lisboa a exposição de quadros d'este pintor, um dos que mais alto tem levantado o prestigio do seu nome, e dos que mais tem honrado a arte portugueza. De anno para anno revelam um aperfeiçoamento e um progresso, os trabalhos de Carlos Reis. E' ver os que o Mestre recentemente expoz no seu atelier, é ver os que nós reproduzimos hoje, e que, apesar de apagados na photogravura, revelam todas as grandes qualidades de Carlos Reis.

Exposição de pintura Carlos Reis



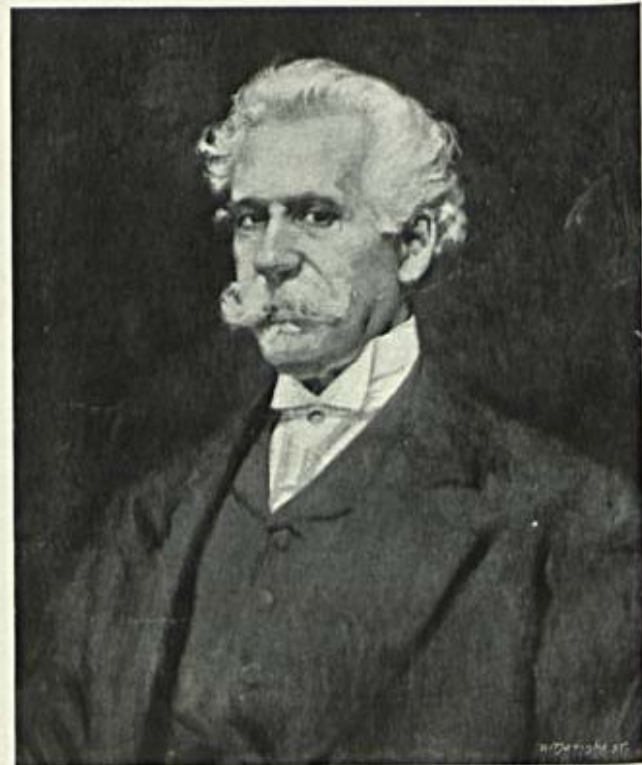
Madame A. G. C.



Mademoiselle Rey Collaço



Doutor Brandt



Conselheiro Ressano Garcia

centrar o espirito para produzir alguma cousa, inclusive uma asneira, que ainda é coisa mais respeitavel que a fanhosa ganideira d'esse estúpido monstro que, no graciosissimo dizer de Accacio Antunes, se chama gramophone, porque a gente tem de o *grammar* quer queira quer não.

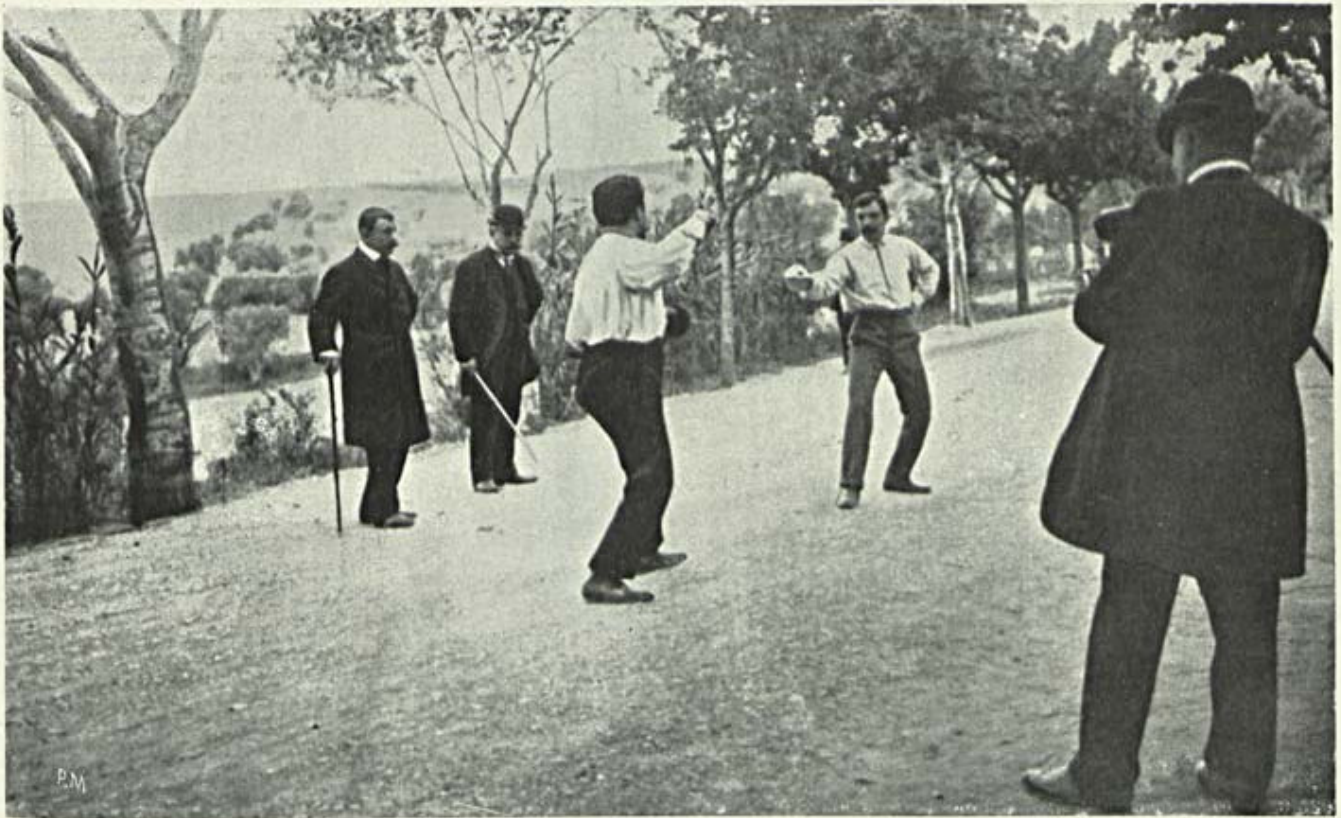
Saibam, pois, quantos este publico instrumento virem, que quem tem os ouvidos cheios d'aquelle outro instrumento, não pode, capaz-

mente sahir-se com decencia do espinhoso mister de fazer a chronica de uma quinzena que apenas se recommenda, para effeitos litterarios, por algum calor e um pouco mais de ventania.

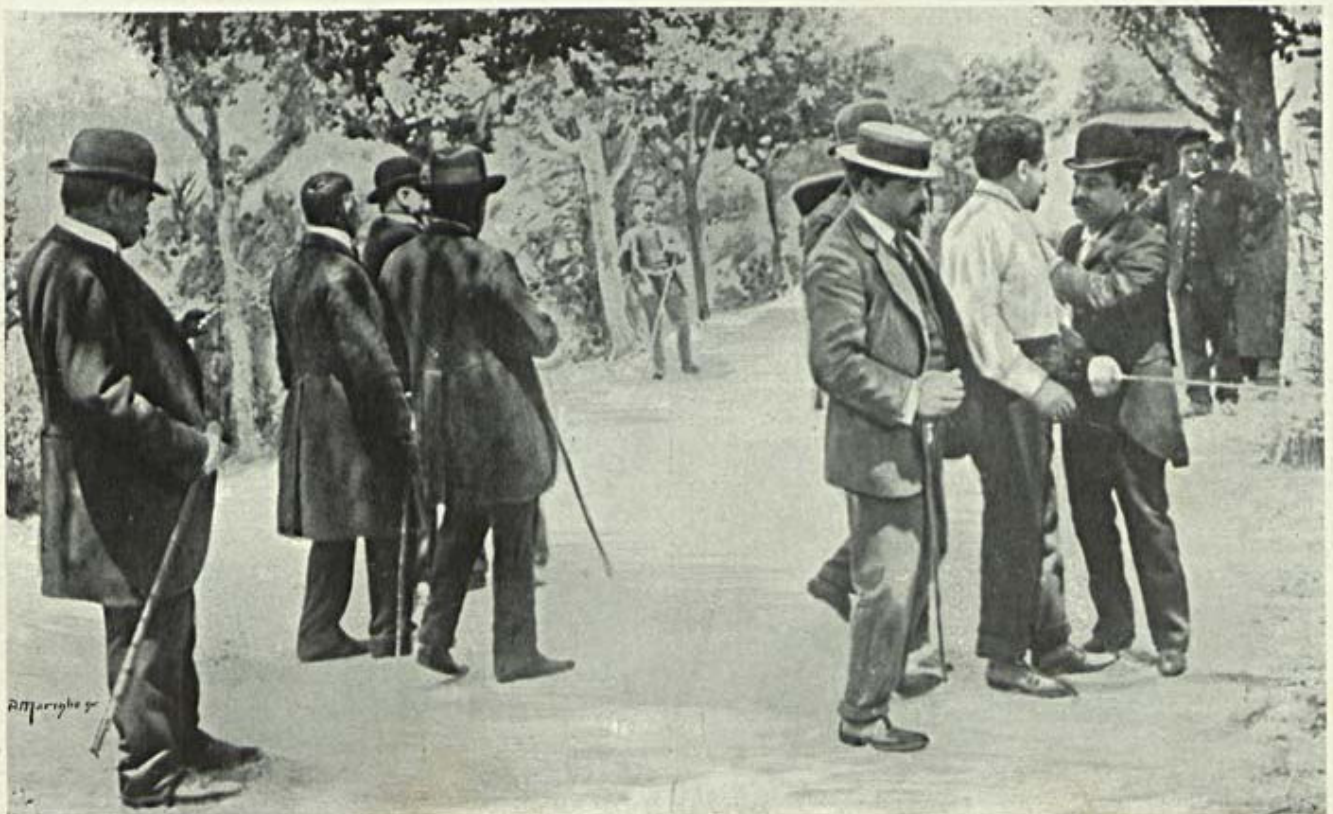
..

Como é publico e notorio o theatro de S. Carlos passou a nova

Duello Penha Garcia - Affonso Costa

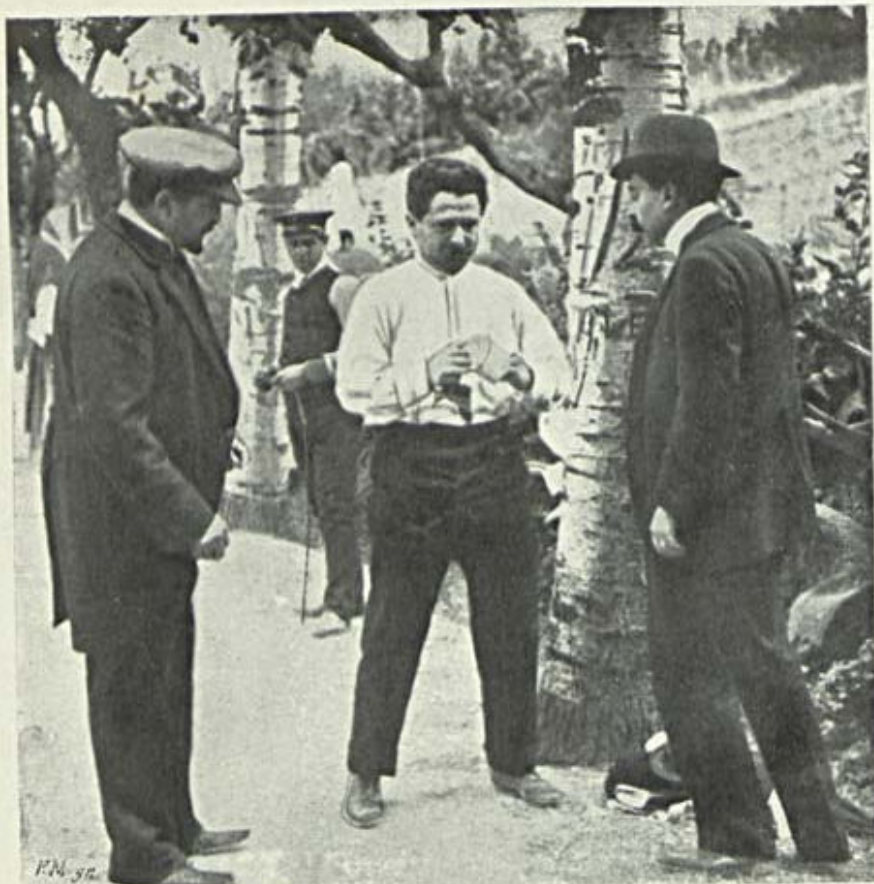


Durante o duello. — Os dois adversarios e os srs. dr. João Pinto dos Santos, coronel Mathias Nunes e Antonio Martins



(Clichés de Benollet)

O dr. Moreira Junior examinando o ferimento do dr. Affonso Costa



Duello Penha Garcia-Affonso Costa. — DEPOIS DO DUELLO]

Os srs. dr. Affonso Costa,

Visconde da Ribeira Brava e dr. Augusto de Vasconcellos

empresa de que é director artistico o sr. Freitas Brito, a estas horas lidando no estrangeiro pela boa composição do seu elenco, e o theatro de D. Maria passa por uma crise tremenda que já teve seus eccos no seio da representação nacional, como é de uso chamar ás côrtes, onde Eduardo Schwalbach, Augusto de Castro e o sr. Pinto da Motta já chamaram a attenção do governo para o que se passa portas a dentro da chamada casa de Garrett, embora o sr. Augusto Ferreira pague de renda por ella o melhor de cinco contos de réis annuaes.

Como tambem ninguem ignora, os dois unicos artistas da classe de merito do theatro Normal, srs. Eduardo Brazão e Ferreira da Silva, requereram ao governo a desistencia dos seus logares, allegando não estarem dispostos a sacrificar as suas reputações, mantendo-se no elenco de um theatro que na opinião dos mesmos artistas e na de muito boa gente não só não satisfaz aos altos fins para que foi creado, como até vae em caminho de dar em pantana com o pouco de bom que por lá havia até á negregada hora em que alguém lembrou ao governo transacto modificar a legislação existente sobre o assumpto e pôr em praça publica o theatro nacional.

Não é este logar proprio para dizer, pouco que fosse, do muito que se poderia dizer, sobre o assumpto. Não seriamos certamente agradavel ao sr. Ferreira, que é a unica victima, nem tão pouco aos srs. Brazão e Ferreira da Silva, que andam muito satisfeitos das respectivas vidas, para que a gente tome a serio as suas ralações. E comquanto o assumpto pertença mais á critica do que ao governo, naturalmente alheio a questões artisticas e a zaragatas entre gente de bastidores e empregarios, muito peores que todas as sarrafuscas que os republicanos possam fazer com a coadjuvação dos dissidentes, deixemos o caso entregue ao criterio do sr. ministro do reino, de cuja boa vontade não é licito duvidar, e que, apoiado nas opiniões de pessoas auctorizadas, certamente liquidará o incidente honrosamente para a arte (coitadinha da desgraçada!) e do sr. Augusto Ferreira que avalia muito por baixo em onze as varas da camisa em que se metteu aceitando a exploração do Theatro Normal.

O que, porém, parece razoavel e cremos que se mette pelos olhos de toda a gente, é que se é licito aos srs. Brazão e Ferreira da Silva abandonarem o empregario, não será menos licito ao empregario allegar que não quer saber de renuncias e de sacrificios de outrem, mas sim dos seus proprios, e exigir uma indemnisação por perdas incontestaveis e incontestadas de que não poderá resarcir-se desde que o abandonam os dois primeiros elementos do theatro que o governo lhe entregou com o espolio e o honroso encargo de fazer brilhar a arte e a litteratura dramatica como duas botas de polimento besuntadas de pomada.

Mas isso é lá com elles: empregario, artistas e governo. Lá se avenham. O que, no entanto, se torna necessario esclarecer desde já é se o theatro de D. Maria é ou não é a casa de Garrett. Casa de Orates é que ella está parecendo, sem offensa para ninguem.

Ha tres dias que pagamos a amenidade dos ultimos dois mezes, que correram fresquissimos, verdadeiramente deliciosos. O sol dardejia sobre Lisboa, abraçando-a. E, no entanto, a capital regor-gita, mantendo a vida intensa do inverno, á parte os theatros, insupportaveis n'esta quadra do anno.

As villegiaturas ainda não começaram nem se lhes enxergam os inicios. Sua Magestade El-Rei, e portanto os demais membros da Familia Real, não sahiram ainda de Lisboa e, como se sabe, a partida das pessoas reaes é o signal da debandada elegante.

E' ainda a politica a fazer das suas. As camaras estão abertas e vão ser prorogadas e com o contrapeso de sessões nocturnas. Pobres paes da patria! Os dignos pares do reino e srs. deputados da nação portugueza, todos elles sem subsidio, dão o demo á cardada! Tambem a culpa é de suas excellencias e só de suas excellencias. Gastaram tres mezes de sessão em discursos de dize-tu direi-eu, jogando-se biscoas, dando-se remoques, apertando-se á espada franceza, lavrando actas de pendencias sem consequencias. Agora pagam capital e juros, suando as estopinhas a legislar á má cara, não vá isto tudo afundar-se por falta de leis sabias. Ossos do officio. Cantaste? perguntava a prudente formiga á leviana cigarra da fabula — pois dança agora! Com o devido respeito, o sr. Ferreira do Amaral é a formiga e o Parlamento a incauta cigarra. Palraram? Pois suem agora!

Todos terão de supportar a sua cruz com resignação mais ou menos facil. Assim, ao illustre deputado sr. Pinto da Motta, que conhece o cabelo por o vêr na cabeça do proximo, não será muito difficil subir o calvario das sessões de agosto. Mas nem queremos pensar, por que se nos confrange o coração, no que vae padecer o sr. dr. Moreira Junior se a assembléa geral do seu partido não auctorisar s. ex.ª a cortar o cabelo á escovinha.



André Brun

O auctor do «Salão do Thesouro Velho», da «Revista de Cupido», e etc. e tal

E' difficil de prever o que venha a succeder ao digno par sr. Dantas Baracho, que tendo estado ausente da camara durante o consulado do dictador, voltou com a acalmação, e está pondo a escripturação em dia falando duas vezes em cada sessão, para indemnizar o paiz dentro da legislatura actual de um grande adeantamento. . . de silencio.

Que Deus Nosso Senhor tenha piedade dos nossos legisladores e a nós não nos desampare. Porque, ou nós nos enganamos muito ou o calor que suas excellencias vão sentir determinará outro calor . . . que nós teremos de vêr.

Mas, como nos juizos do anno do Borda d'Agua — *Deus super omnia!*

..

A peste bubonica na Ilha Terceira foi o acontecimento dominante dos ultimos dias.

Ignora-se ainda a origem do mal, pois que ha mezes está interrompida a communicação telegraphica com a formosa ilha, recebendo-se apenas communicações de S. Miguel, muito concisas e apenas referentes ao curso da epidemia, que presentemente parece estar debellada, não havendo noticia de caso manifestado ha seis dias a esta parte. Depois a communicação por via postal com os Açores faz-se ordinariamente de 15 em 15 dias pelos paquetes da Empresa Insulana. Isto tratando-se de um archipelago de nove ilhas, importantissimas não só pelas suas riquezas naturaes como por seu commercio e industria florentissimos! Coisas nossas — e está dito tudo.

Contando apenas com os recursos proprios, as auctoridades ter-

ceirenses conseguiram cortar o mal, hospitalizando, isolando, desinfectando, sem outro auxilio á sua boa vontade alem dos productos chimicos de meia duzia de pharmacias!

Grande povo, esse da Ilha Terceira, cuja coragem, civismo e abnegação estão vinculados ás paginas mais gloriosas da mãe Patria, que para elle tem sido a mais descaroavel madrasta!

CAMARA LIMA.

ANECDOTAS

Entre duas amigas, n'um baile:

— Reparaste n'este rapaz que ha pouco valsou comigo?! Disse-me que o mundo tinha sido sempre um deserto para elle até ao momento de me conhecer.

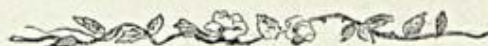
— Por isso elle dança como se fosse um camello!

23

N'uma exposição industrial:

— Porque te demoras tanto deante da grande machina de vapor? Vem, d'ahi, para outra secção!...

— Não, não, deixa-me estar aqui. E' a unica coisa que minha mulher me não pede para eu lhe comprar!



Colyseu dos Recreios

Geraldos e Palacios

Hoje a vara magica de Antonio Santos abrange o inverno e o verão. O Colyseu dos Recreios que era o rendez-vous da sociedade de Lisboa nas noites invernaes continua a sé-lo nas noites calmosas. E enche-se hoje como se enchia então, e para ver os Geraldos no seu inimitavel duetto brasileiro, e os Hermanos Palacios nas suas danças caracteristicas, disputam-se cá fóra os logares como se disputavam nas noites famosas do Raku e dos luctadores romanos. Se alguém o duvida ahí teem a contra prova: em materia de empresarios o do Colyseu bate o record.



Geraldos — o duetto brasileiro



Hermanos Palacios

Exposição do Rio de Janeiro

Grande Album de Expositores, Exportadores e outros annunciantes

Grande formato. Papel de luxo. Tiragem avultada.

Publicação destinada a todo o Brasil, Portugal e colonias durante a Exposição do Rio de Janeiro feita pela Empresa do *Brasil-Portugal*, actualmente representada no Rio de Janeiro por um dos seus directores, Lorjô Tavares, membro da commissão portugueza da Exposição.

Annuncios illustrados com «fac-similes» das casas annunciadoras

Installações, productos, artefactos, retratos, etc. Alternadamente, paisagens, terras edificios, sciencia, litteratura.

As gravuras são por conta da empresa

Cada subscriptor de 1 pagina tem direito a 5 exemplares do Grande Album

Recebem-se adhesões, annuncios, photographias, etc., na séde da Calçada do Sacramento, 14, onde se trata.

Annunciantes já inscriptos para o GRANDE ALBUM:

Ernst George Successores	Rua da Prata	Lemos & Filhos	Porto
Joaquim Vieira Junior (Sanguinhal)	Rua do Alecrim	Aguas das Pedras Salgadas	Porto
Reis Collares (Marecenaria 1.º de dezembro)		J. H. Andressen, successores	Porto
Domingos Antonio da Silva Meira	Rua da Rosa	Companhia de Agricultura Vinhos do Alto Douro	Porto
Jayne Santa Barbara & C.ª	Rua Rosa Araujo	Valente, Costa & C.ª	Porto
A. J. Iniguez & Iniguez	Rua dos Capellistas	Antonio Augusto Henriques	Porto
Santa Barbara & C.ª	Rua D. Carlos	Pharmacia Pombeiro	Porto
Antonio Dias Amado	Rua dos Capellistas	Fabrica de papeis pintados, de Antonio Cardoso da Rocha	Porto
Empresa Ceramica de Lisboa	Largo de S. Paulo	Fabrica de luvas, de Enrique Rodriguez Ruiz Jarque	Braga
Costa & C.ª	Rua da Boavista	Casa de vinhos especiaes da Madeira, de F. F. Ferraz	Funchal
Ramiro Leão & C.ª	Rua da Palma	Drogaria de Silverio Ferreira da Costa	Rua da Prata
José Ignacio Alves Valladares	Chiado	Hotel de Francfort	Rua de Santa Justa
Guilherme C. Coutinho	Rua de S. Paulo	Andrade de Macedo — Vinho Velho da Madeira	Funchal
Nova Sapataria da Moda	Rua dos Industriaes	Livraria Féria	Rua Nova do Almada
Leitão & Irmão	Rua Augusta	Vinhos da Quinta da Graciosa	Rua do Crucifixo
Moreira de Sá	Chiado	Freitas & C.ª	Porto
Pedro Henriques & C.ª	Rua de Santo Antonio (Porto)	Pharmacia Magalhães	Porto
Wiese & Krohn Successores	Penacova	Armazens Herminios	Porto
Antonio Ferreira Menéres	Porto	Pharmacia Falcão	Porto
João Eduardo dos Santos Junior	Porto	Hotel de Francfort	Porto
Clemente Menéres L.ª	Porto	Casa Chinezta	Porto
Aguas da Curia	Mogofores	Eduardo Cardoso de Moraes	Villa Nova de Gaya
Companhia Agricola Commercial de Vinhos do Porto	Porto	Manuel Freitas da Silva Coutinho	Porto
Joalheria Marques	Porto	A Edificadora	Porto
João Augusto da Silva Martins	Abrantes	Vieira & Silva — A Industrial	Porto
José da Costa Fragoso	R. Ferreira Borges	Romariz & Filhos	Porto
Nova Companhia Nacional de Moagens	Lisboa	Borges & Irmãos	Porto
José Maria da Fonseca (successores) Moscatis de	Setubal	Emygdio Quintella	Porto
Paiva Dentista	Rua do Arsenal	Eduardo da Fonseca	Porto
Carlos A. de Almeida & A. de Mendia	Porto	Corrêa Ribeiro & Filhos	Porto
Hansen	Lisboa	Armazens do Anjo	Porto
Fabrica de Licores e Aguardentes	Ancora	Claus & Schweder	Porto
Casa Neuparth	Rua do Almada	Leite Ribeiro & Pinto	Porto
João de Brito L.ª	Rua dos Arameiros	J. M. Fernandes Guimarães	Porto
Empresa das Aguas das Lombadas	Avenida da Liberdade	Banco Commercial do Porto	Porto
A. Rosas & C.ª (Casa Brasil)	Rua Augusta	Casa Bancaria, do largo dos Loyos	Porto
Lopes Coelho Dias & C.ª	Porto	Coelho Pereira Filho & C.ª, Casa Exportadora	Porto
Real Companhia Vinicola do Norte	Porto	Ourivesaria Bonneville	Porto
Lopes & Teixeira	Rua Ivens	Anthero & Filho	Porto
Pharmacia Barral, successor Antonio Alves Barata	Rua Aurea	Hotel Universal	Porto
Joaquim J. Lory	Rocio	Pharmacia Central	Porto
Companhia Agricola Commercial de Vinhos do Porto	Porto	Castanheira	Porto
«Jornal de Noticias»	Porto	Aragão	Porto
Companhia Vinicola do Norte de Portugal	Porto	Hotel Borges	Chiado